

# O regresso a casa!

*Homilia na Eucaristia de Encerramento da Semana Arquidiocesana da Saúde*

**Amados irmãos e irmãs**, que percorreis comigo o tempo da saúde e da doença!

**Amados irmãos e irmãs**, que me escutais pelos gestos que transportam palavras: as minhas e as de Deus!

**Amados irmãos e irmãs**, ministros da esperança e da saúde!

**Amados irmãos e irmãs**, devotos de Beata Alexandrina!

1. «Era uma vez um médico que viu um doente idoso que já não dava sinais de cura no hospital. Passavam os dias e ele parecia estar resignado a morrer o mais depressa possível. Por mais que as enfermeiras o animassem, só com muito dificuldade e paciência conseguiam que ele oferecesse uma palavra ou um sorriso. Certo dia, ao passar pelo corredor o médico ficou surpreendido ao vê-lo animado, com bom aspecto e a ser ajudado pelos familiares a levantar-se da cama.

Sorrindo de satisfação, o médico pergunta-lhe: “Então, o que lhe aconteceu? Ainda na passada semana estava tão desanimado e hoje está totalmente diferente?” Perante as perguntas, o idoso sorriu e disse-lhe: “Tem razão! Alguma coisa aconteceu: o meu netinho veio cá ontem visitar-me e disse-me para voltar depressa para casa, pois precisava da minha ajuda: precisa que o ajude a remendar o pneu da bicicleta!”»<sup>1</sup>

2. Caros cristãos, afinal também as crianças podem fazer milagres nos dias de hoje! Aliás, o desejo deste doente idoso era o mesmo daquele leproso do *evangelho*: ter um crédito para regressar a casa e/ou à comunidade!

Este leproso estava fora da comunidade, não por vontade própria, mas por imposição legal, como escutávamos na *primeira leitura*. Uma lei que, além de salvaguardar o contágio da doença, expunha a mentalidade da época: a lepra era uma maldição de Deus<sup>2</sup>, como castigo dos pecados cometidos. Perante isto, ao sacerdote competia-lhe somente declarar o afastamento do leproso da comunidade ou o seu regresso, quando curado da doença.

---

<sup>1</sup> Pedrosa Ferreira, *Nem só de pão vive o homem*, 72.

<sup>2</sup> cf. Job 18,13

Partindo deste cenário, este leproso sem nome e dignidade, porque *perdera tudo*, infringe escandalosamente a lei e decide aproximar-se de Jesus *para ganhar tudo*! E sem receios, pede-lhe na cara, não só a cura da doença, mas também a cura da exclusão da sociedade.

Porém, a este desejo, Jesus tem tudo a perder: a pureza legal, as mãos limpas, a saúde física, o bom nome, o convívio com amigos, a participação na liturgia... Ele tem tudo a perder, aparentemente! Todavia, *compadece-se* (dói-se) e responde com um gesto milagroso, invertendo assim a ideia de um Deus castigador num Deus que se aproxima, que toca, que abraça, que é Amor.

Ao contrário dos sacerdotes do Antigo Testamento, Jesus não *declara* a invalidez do leproso: ele salva *curando*! E eis que o milagre acontece! O homem com lepra queria uma **cura**, Jesus ofereceu-lhe também a **salvação**; o homem com lepra queria um **corpo saudável**, Jesus oferece-lhe também uma **missão**; o homem com lepra queria reentrar no **convívio dos homens**, Jesus torna-o também participante do **convívio dos salvos**; o homem com lepra queria a **saúde**, Jesus ofereceu-lhe também a **fé**. Jesus dá-lhe infinitamente mais do que ele pedira, porque escutou o que o leproso não lhe disse, leu-lhe a alma e ofereceu-lhe o que ele já esquecera: que tem lugar no coração de Deus, que é amado!

Na verdade, é este o pedido que Paulo nos dirige na *segunda leitura*: imitai a Cristo, para que todos se possam salvar!

3. Em Dia Mundial do Doente e no Encerramento da Semana Arquidiocesana da Saúde, poderíamos perguntar: como é que podemos curar os nossos doentes, à imitação de Cristo, se não temos o mesmo poder milagroso de Jesus?

Na sua mensagem para o Dia Mundial do Doente, o Papa Bento XVI dá-nos a resposta: socorreremo-nos do **Sacramento da Penitência** e da **Santa Unção**. Como tal, ele afirma: “cada sacramento expressa e põe em prática a proximidade do próprio Deus que, de modo absolutamente gratuito, nos toca por meio de realidades materiais... que Ele assume ao seu serviço, fazendo deles instrumentos do encontro entre nós e Ele mesmo.”<sup>3</sup>

Neste sentido, não podemos considerar o Sacramento da Santa Unção como um remédio milagroso ou um mero efeito mágico, mas também não

---

<sup>3</sup> Bento XVI, *Mensagem para o Dia Mundial do Doente 2012*, 1.

devemos duvidar do seu efeito corporal. Quem o recebe na enfermidade (na velhice ou nas vésperas de uma operação) obtém realmente: um *efeito* sobre as dificuldades corporais e um *ânimo espiritual* contra a debilidade psíquica através da fé, esperança e caridade.<sup>4</sup>

Aliás, a unção aos enfermos é uma das missões da Igreja, porque também eles fazem parte do Corpo de Cristo, como nos recorda S. Tiago na sua Carta.<sup>5</sup> Daí que importa solicitar aos sacerdotes uma renovada atenção a este sacramento, para que o celebrem nas comunidades como expressão da escuta dos gritos silenciosos do doente.

4. Todavia, o auxílio eclesial aos enfermos não se cinge somente ao Sacramento da Unção, administrado pelos presbíteros. Os leigos também podem “salvar” muitos enfermos através da virtude da *compaixão*!

Assim sendo, ***ter compaixão*** é *recordar* o milagre da cura do leproso e a Paixão de Cristo que terminou na Cruz. ***Ter compaixão*** é *reconhecer* que o sofrimento do outro também é o meu sofrimento. E ***ter compaixão*** é *partilhar* esse sofrimento alheio através da nossa *oração, caridade, palavra, escuta e presença* (companhia).

Com isto, estaremos a curar aquela que, segundo Henri Nowen, é a doença mais dolorosa da sociedade actual: a solidão.<sup>6</sup> Como dói ver notícias de homens e mulheres com “lepra”, excluídos mas ávidos duma presença amiga.

**Homens e mulheres** que querem demasiado pouco para si e para as suas vidas; que se contentam com o mínimo, recorrendo até ao magicismo das curas e dos curandeiros... que se abandonam à sua incapacidade, à sua deficiência, à sua doença, ao seu desemprego... **homens e mulheres** que deixaram de acreditar em si e em Deus.

**Homens e mulheres** que se contentam com respostas rápidas, com brilhos passageiros... **Homens e mulheres** que deixaram de acreditar que são amados por Deus, porque o mundo e a Igreja não lhes dá o devido valor.

**Homens e mulheres** que decidiram ser vítimas e não cooperadores da criação. **Homens e mulheres** que substituem as obras de misericórdia por orações mais ou menos tranquilas. **homens e mulheres** desaproximados, incapazes de ouvir o anseio mais profundo do coração!

---

<sup>4</sup> Dionisio Borobio, *La celebracion en la Iglesia II. Sacramento*, 707-708.

<sup>5</sup> cf. Tg 5,14.

<sup>6</sup> Henri Nowen, *O curador ferido*, 105.

Daí o cuidado que o sacerdote deve dedicar ao Sacramento da Reconciliação, como presença amiga e gesto sacramental, celebrado na comunidade, em casa, nos lares ou hospitais. Trata-se de uma assistência espiritual imprescindível para a vida do doente, na qual testemunha o Deus-Amor.<sup>7</sup>

Também não posso esquecer aqueles “ministros da esperança”<sup>8</sup> que nas suas comunidades visitam gratuitamente os doentes. Esses homens e mulheres silenciosos, voluntários ou profissionais que, “muitas vezes inclusive sem mencionar o nome de Cristo”, O manifestam concretamente. Para esses, vale o exemplo de Jesus: ***escutai até que doa, aproximai-vos até que cure!***

Como lhes estou grato por este testemunho, o qual poderá desencadear nas comunidades o anseio de uma equipa de acção social, que concretize o tema deste Dia Mundial do Doente: “Levanta-te, a tua fé te salvou!”

5. Para terminar, é verdade que o “sofrimento faz parte da existência humana” pois “deriva da nossa finitude humana”<sup>9</sup>. Diante desta verdade, e à semelhança da história inicial, compete-nos levar os doentes a “regressar a casa”, ou seja, a restituir-lhes um sentido para a vida!

Por isso, *estimados doentes*: a sociedade pode ignorar-vos, rotular a vossa identidade, promulgar leis que dificultem a assistência hospitalar e “expulsar-vos” do mundo! Mas não vos preocupeis: confiai no Senhor, tal como cantava o salmista, porque a Igreja acolhe-vos, respeita a vossa dignidade e assume publicamente o vosso sofrimento. Ela precisa de vós! Precisa de escutar as vossas perguntas! Precisa da vossa fé inabalável, purificada no sofrimento!

Abri, portanto, o ouvido do vosso coração! Escutai até que doam as perguntas mais profundas, recusai ser objectos e vítimas das condições que vos são impostas! Usufri do lugar de baptizados, de filhos de Deus, e sede “sujeitos da evangelização”! Frequentai os sacramentos de cura (Reconciliação e Unção dos Enfermos) e deixai-vos curar!

Por fim, o local em que nos encontramos é particularmente querido aos doentes. Há muita esperança a derramar-se do olhar de Alexandrina: a mulher que aprisionada numa cama, descobriu a fecundidade da sua dor, unida à de Jesus.

---

<sup>7</sup> Bento XVI, Mensagem para o Dia Mundial do Doente 2012, 2.

<sup>8</sup> Bento XVI, *Spe Salvi*, 34.

<sup>9</sup> Bento XVI, *Spe Salvi*, 36.

Que a Beata Alexandrina e a Senhora de Lurdes vos protejam!

+ Jorge Ortiga, A. P.  
Senhora de Lourdes, 11 de Fevereiro de 2012,  
Paróquia de Balazar (Póvoa de Varzim).